

O ASIATISMO DA PAIXÃO INCONTROLADA DE RITA: UMA RELEITURA DO CONTO “A CARTOMANTE” DE MACHADO DE ASSIS

THE ASIATISM OF THE UNCONTROLLED PASSION OF RITA: A REREADING OF THE TALE "THE FORTUNE-TELLER" OF MACHADO DE ASSIS

José Geovânio Buenos Aires Martins¹

RESUMO: A intenção aqui é trazer de volta os devaneios do escritor brasileiro, Machado de Assis, tendo como base o livro “A Cartomante” (1884). No desenrolar da biografia do autor carioca é pertinente esclarecer que ele era mulato, gago, epilético, romancista, contista, etc., enfim, um autodidata do seu tempo. A proposta deste estudo é analisar a paixão incontrolada de Rita, aproximando à influência da cultura religiosa cigana marginalizada pelo final do século XIX no Rio de Janeiro. Machado de Assis, através de um olhar descrente se faz revelar o encontro dos personagens Rita e Camilo com a morte. Faz isso, tentando reproduzir a descrença nas cartas ciganas e também para tornar a imigrante culpada pelo finamento de Rita e Camilo. Neste rumo, são relevantes os estudos de compreensão psicanalítica e confessional para que se entenda a irreflexão Machadiana em “A Cartomante” (1884).

PALAVRAS-CHAVE: Paixão; Conjectura Cigana; Morte; Amantes.

ABSTRACT: The intention here is to bring back the reveries of the Brazilian writer, Machado de Assis, based on the book "The Fortune-teller" (1884). In the unfolding of the biography of the author of Rio de Janeiro, it is pertinent to clarify that he was a mulatto, a stutterer, an epileptic, a novelist, a storyteller, etc., in short, an autodidact of his time. The purpose of this study is to analyze the uncontrolled passion of Rita, approaching the influence of gypsy religious culture marginalized by the end of the 19th century in Rio de Janeiro. Machado de Assis, through an unbelievable look reveals the encounter of the characters Rita and Camilo with death. He does this, trying to reproduce the disbelief in the gypsy letters and also to make the immigrant guilty by the death of Rita and Camilo. In this direction, studies of psychoanalytic and confessional understanding are relevant in order to understand Machadian unreflection in "The Fortune-teller" (1884).

KEYWORDS: Passion; Gypsy Conjecture; Death; Lovers.

¹ Licenciado em Letras Português pela Universidade Federal do Piauí-UFPI (2010); Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Evangélica Cristo Rei-FECC (2015); Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira pelo o Centro Universitário Internacional UNINTER (2016); Especialista em Organização do Trabalho Pedagógico – Orientação Educacional, Supervisão e Gestão Escolar pelo o Centro Universitário Internacional UNINTER (2016). Email: jgbuenosairesmartins@gmail.com

*“Eu fui traído por você
Covardemente
E essas coisas acontecem por aí
Naturalmente
Eu quero ser pivô*

*Da sua liberdade
Me chame de covarde
Se preciso for*

*Nada pode acontecer de pleno acordo
Pois estamos suportando e querendo um ao outro
Ficar ao seu lado é sufocante
Se já não consigo mais fingir
E morre o prazer a cada instante
Nas noites que eu fico sem dormir*

*Pensar que por você eu fui traído
A minha dor faz sangrar o coração
Justamente quando havia decidido
Foi negada a minha cura
Fui levado à loucura”*

(Loucura - Cauby Peçoto).

DEBATES PRELIMINARES

Define-se, como objeto de investigação, uma discussão a respeito da releitura do conto “A Cartomante” de Machado de Assis, lançado em 1884. Neste sentido, este artigo apresenta uma pesquisa que visa comprovar o nível de insanidade do autor do conto e sua relação com a obra produzida.

No conto, “A Cartomante”, Machado de Assis, oferece múltiplas interpretações, pois o escritor brasileiro brinca com aquele que lê para si mesmo, ou para outrem. Embora, o leitor, por sua vez, encontre-se na posição acentuada de juiz. É típico da produção Machadiana inculcar a dúvida no leitor, condenar seus personagens (principalmente os perfis femininos e aqueles que trazem consigo um apego ao colo maternal) sem ser o autor Machadiano o próprio carrasco, e, assim, deixar novas pistas no enredo de suas obras.

Por outro lado, possivelmente, o que atrai os leitores de “A Cartomante” é a infidelidade de uma das personagens principais (Rita), mulher dissimulada, segundo o próprio escritor do conto. O leitor em “A Cartomante” é convidado a todo instante a condenar (Rita), pois esta é que toma a decisão de incitar em (Camilo) o desejo proibido; proibido por ser (Rita) uma mulher casada, o que confere à obra Machadiana, um aspecto de certo modo, convencional, para o período em que se passa a trama, pois o escritor sabendo da fragilidade dos perfis femininos da época, logo aproveitou para oportunizar aos leitores e críticos de “A Cartomante”, o papel de júri; a condenação de (Rita),

não chocaria a sociedade de sua época, pois a mulher deveria ser recatada, pura, e, ainda, segundo, São Paulo², a mulher deveria sujeitar-se ao marido.

“Na verdade, cada leitor pode dar um renascimento da obra sob um ponto de vista diferente”. (LUCAS, 2009, p. 37).

Toda discussão é justificável, pois o escritor carioca, além de “cético” era “problemático”. (LUCAS, 2009, p. 1-12).

O fato é que, o próprio título da obra Machadiana não vem carregado apenas de valores “estilísticos, comerciais, mas também de ligações socioculturais”. (LUCAS, 2009, p. 130). É nessa perspectiva que se busca, no estudo aqui apresentado, apontar fatores que justifiquem a insanidade de Machado de Assis.

Desse modo, o presente trabalho também objetiva compreender os fundamentos psicossociais presentes no conto “A Cartomante”, para que se possa entender o ceticismo e os devaneios de Machado de Assis transpostos para suas obras, uma análise necessária para que se compreenda a releitura do conto examinado.

O artigo foi produzido através de uma revisão bibliográfica, consultando-se para tanto, notáveis agentes de investigação relacionados ao assunto investigado.

[...] mesmo trabalhos inéditos exigem do pesquisador, qualquer que seja essa ou aquela tipologia de pesquisa, o levantamento e a seleção de uma bibliografia concernente, pré-requisito indispensável para a construção e demonstração das características de um objeto de estudo. (BARROS; LEHFELD, 2007, p. 30).

Especificamente a respeito das fontes de pesquisa, infelizmente não existe quase nada sobre o tema estudado, por isso, optei por rever o artigo de Teresinha Vânia Zimbrão da Silva (2008), disponível na Revista Online (**Verbo de Minas**), a dissertação de mestrado de Luciana Leme Souza e Silva (2009), o livro de Fábio Lucas (2009), a Bíblia Sagrada (1992), o livro (**Água Viva**) de Clarice Lispector (1998), o livro (**As Intermitências da Morte**) de José Saramago (2005), o próprio conto de Machado de Assis (1994), além de um bom livro de Metodologia Científica. Frente a isso, busquei sempre um ponto estratégico para que o presente artigo não caísse em questões sucintas ou amplas demais.

Deste modo, o artigo ficou dividido em três tópicos a saber: primeiro é apresentado o autor e a obra: construções da criação insana Machadiana; em seguida é ofertado ao leitor o seguinte trocadilho aí vindes outra vez, inquietas sombras...; e, por último, será tecida uma análise sobre o comportamento de Rita, sob o título Rita, a serpente do Jardim do Éden.

² Efésios 5:22.

1 O AUTOR E A OBRA: CONSTRUÇÕES DA CRIAÇÃO INSANA MACHADIANA

Para que se entenda o conto “A Cartomante” é preciso que se compreenda o espaço geográfico e psicológico em que o escritor carioca viveu até seu decesso, pois Machado de Assis, obviamente, não escreveu perfis femininos como o de (Rita), para satisfazer o seu próprio ego, pois psicologicamente pode-se afirmar que o mesmo sofreu influxo do sodalício da época. Inclusive, suas construções insanas têm um motivo “[...] Machado de Assis equiparava-se à personagem shakespeariana ‘por ser um homem de cor casado com uma mulher branca ‘e ser sabido’ que tinha ciúmes da esposa”’. (LUCAS, 2009, p. 147).

Sob a perspectiva da cronologia, Machado de Assis, atravessou uma fase difícil, pois “em 1851 morre seu pai. Maria Inês (madrasta) então se emprega como cozinheira no Colégio São Cristóvão, e nas horas vagas faz balas para o jovem Joaquim vender nas ruas”. (ASSIS, 1994, p. 1).

Podemos inferir desta citação que o escritor carioca não teve uma referência masculina, por isso, sua predileção pelo muliebre. Segundo Fábio Lucas, ao desenhar os contornos de suas imagens, Machado de Assis faz revelar seu lado duvidoso, efeminado e insano.

[...] em sua galeria de personagens os tipos femininos merecem maior relevo, não deixava o contista de observar as particularidades das roupas e dos adornos, extraindo certa sensualidade na descrição dos pormenores. Muitas vezes também aduzia conclusões estéticas, que iam além do simples registro moral da fatuidade da moda. (LUCAS, 2009, p. 48).

Ou seja, Machado de Assis por não ter convivido com uma figura masculina (pai), logo se deixa prender pelas minudências feminal, em outras palavras, faltou ao escritor carioca uma dose de orientação varonil.

Mesmo que não se pretendesse esboçar a história de vida do escritor, contista, poeta, dramaturgo, jornalista carioca, etc., e, considerando as palavras de Lucas (2009, p. 14):

Machado de Assis, com efeito, além de objeto permanente da análise literária, tem sido levado aos consultórios de psicólogos e psiquiatras, andando das salas dos filólogos aos gabinetes de linguistas, sociólogos e filósofos. E, a cada vaga de investigações sucede outra, sempre reivindicando recantos ainda não visitados pela curiosidade ou pela astúcia das gerações.

Conforme já mencionado, Machado de Assis cultivou problemas anímicos que se faz sentir em todas as “gerações”. Por outro lado, Machado de Assis revelou-se:

[...] excepcional nos contos e romances, cultivou ainda vários gêneros literários como poesia, teatro, crítica e crônicas. Escrevendo com frases simples e sem enfeites, em períodos curtos e com um vocabulário de fácil entendimento,

Machado de Assis possuía um estilo de extraordinária expressividade. (SILVA, 2009, p. 21).

Ainda sobre Machado de Assis, Silva (2009) destaca que: Outro tema que se repete com frequência nas obras de Machado de Assis, é o ciúme. Inclusive, o assunto foi observado pela norte-americana Helen Caldwell. Por outro lado, Lúcia Miguel Pereira, chegou a afirmar que o escritor brasileiro era inseguro e desvairado. O fato é que, o escritor viveu conturbado pelos problemas sociais que rondavam a cidade carioca do Rio de Janeiro.

Diante dessa situação, o conto “A Cartomante” traz um final trágico, pois seu autor envaidecido pela sua mente doentia e fantasiosa, faz o leitor acreditar que a mulher por ele descrita (Rita), é uma serpente. Machado de Assis não perdoou o gênero feminino em suas produções, exceto em “Memorial de Aires”.

Porém, na avaliação de Lucas (2009, p. 46):

Foi na preparação literária de um só efeito, armado antecipadamente, que o escritor brasileiro se destacou de seus contemporâneos. Pode ser considerado um mestre acabado na arte do conto. E dentro de sua variada obra, os contos formam a parte mais atraente.

Importa aprofundar que Lucas (2009), observa que: Incluídos em volume os contos de Machado de Assis totalizam 123, no entanto, a Crítica Literária aponta outros contos Machadianos. O certo é que Machado de Assis conseguiu conquistar o público leitor de seus contos. Ressalte-se também que estamos falando de um dos gêneros mais difíceis de ser desenvolvido dentro da história da Literatura, segundo o crítico: Agrippino Grieco.

2 AÍ VINDES OUTRA VEZ, INQUIETAS SOMBRAS...!?

A justificativa do subtítulo aqui trazido, por certo, dialoga com o primeiro parágrafo do conto **Machadiano**, pois Rita ao procurar pela cartomante faz ressurgir em Camilo os velhos fantasmas de ilusões quiromantes.

Diante disso, “A Cartomante” é uma obra que chama a atenção pelo título, pois acredita-se que o desejo de Machado de Assis, por sua vez, foi colocar na mulher italiana (imigrante) a incumbência pela morte de Rita e Camilo. O tema ocultismo, baralho cigano, alteridade, é tratado de forma repulsiva na obra em debate. Vale comentar que o escritor de “A Cartomante” foi doutrinado no cânone da Igreja Católica Romana com ‘T’ maiúsculo, no entanto, sempre se mostrou um profano. (LUCAS, 2009).

Por certo, a história amorosa de Rita e Camilo só tem continuidade por causa da cartomante. Camilo, assim como, Rita, sempre se mostraram ressabiados com a traição a que se lançavam. Ou seja, a cartomante, foi a responsável pela morte dos amasiados.

Inclusive, não é tarefa difícil enumerar episódios a comprovar que a cartomante foi a culpada pelo delito. A esse respeito, Assis (1994, p. 3) observa que:

Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: “A senhora gosta de uma pessoa...” Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

Como demonstra a citação acima, Camilo, jamais, quis acreditar nas velhas crendices depositadas em sua cabeça, pela sua mãe. Porém, é provável que, Machado de Assis, tenha formulado um Camilo fragilizado, talvez até efeminado, pois de acordo com Silva (2008, p. 26, grifos da autora), “O homem pode crescer incapaz de desenvolver tanto o seu lado masculino, o ego, quanto o seu lado feminino, a **anima**, tornando-se o **filhinho da mamãe**”. Inclusive, buscar amparo nas cartas ciganas é o primeiro passo da malsinação feminina presente em um “ego masculino”. Dito de outra forma, Camilo, lutava contra superstições mal definidas, ou seja, de acordo com a psicologia, Camilo se tornou um frouxo, uma pessoa incapaz de tomar suas próprias decisões, no entanto, Rita através de sua paixão desmedida e da sua confiança em uma cartomante restituiu-lhe as velhas crenças da infância.

De certo, é comum, segundo, Silveira (1977 apud SILVA, 2008, p. 24), “[...] encontrar excelentes exemplos de obras psicológicas nos romances e contos de Machado de Assis”. O conto “A Cartomante” é um bom exemplo de obra psicológica.

Ainda sobre a ida de Rita a cartomante para restituir-lhe a paz da alma, Assis (1994, p. 5) salienta:

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Para concretizar seu plano, Rita utiliza-se da única arma que possui: a consulta à cartomante. Inclusive, como observa o próprio Assis (1994), não foi só Rita, que se deixou levar pela ilusão das cartas. De acordo com Assis (1994, p. 7-8):

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...
Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.
[...]
Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável mais cautela; ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

O trecho acima demonstra como Camilo se deixa levar pelo asiatismo incontrolável de Rita. Ao procurar pela cartomante, Camilo, não apenas demonstrou fraqueza, mas, sobretudo, mostrou que era dependente de um colo afetivo.

A partir da afirmação acima, Silva (2008, p. 30), destaca que: “[...]. As mulheres significam de fato a sua perdição. A cartomante - o próprio título do conto - sintetiza o relacionamento de Camilo com o feminino: uma estória de dependência, traição e morte”.

Ainda para Silva (2008, p. 25):

Camilo parece sintetizar o que a psicologia definiria como um complexo materno (conteúdo do inconsciente pessoal) não resolvido. O desenvolvimento do ego foi perturbado - supomos - por um excesso de presença materna de um lado, e ausência paterna de outro (situação comum na família patriarcal do Brasil oitocentista, agravada, no caso, pela morte do pai). [...].

Pensando a partir da produção Machadiana, o escritor de “A Cartomante” abusa da confiança que se possa depositar nas mulheres. Para o autor de “A Cartomante” é bem mais fácil condenar as mulheres oitocentistas retratadas em seu conto, pois Machado de Assis sempre se sentiu à margem da sociedade em que viveu por ser epilético, gago, mulato, pobre, melancólico e casado com uma bela mulher, ou seja, o escritor carioca, logo transfere seus problemas de berço maternal para o enredo abrasador de suas ficções calorosas. Por outro lado, não se pode negar a qualidade da atividade Machadiana, embora, o escritor de “A Cartomante” não tenha poupado críticas violentas para oprimir o gênero feminino.

Tomando Camilo como exemplo, notamos que o escritor carioca exerce a função de psicólogo que recusa a igualdade de gênero. Na verdade, Machado de Assis, transfere toda responsabilidade do insucesso de Camilo para sua mãe.

O fato é que, Machado de Assis, propositalmente usou uma mulher (italiana) para falar dos mistérios da Alteridade em sua obra, pois a presença de uma pessoa que prediz o futuro por meio

das cartas, reforça o estigma horrendo que o próprio Machado tinha pela religião e pelo gênero feminino. Além disso, uma mulher, e, principalmente, uma mulher imigrante, intensifica a curiosidade do leitor de sua narrativa breve, pois no seu conto “A Cartomante - Mulher” tem um papel decisivo, o de fazer cumprir o papel da traição e conseqüentemente da sentença de morte. Inclusive, a Italiana pode ser comparada a personagem “Eva” do (Jardim do Éden), pois age como uma serpente.

No conto de Machado de Assis, a Cartomante (Mulher Italiana), não passa de forma despercebida para o leitor ávido, pois não precisa ser crítico literário para saber que Machado de Assis brincou de dar vida aos mistérios da divindade por meio de uma mulher, pois trata-se de um período propício para determinada construção de personagem, uma vez que, o imigrante tinha um outro nível cultural e intelectual quando comparado ao negro. Além do mais, o imigrante não se assujeitava aos senhores proprietários de terras. Em vista disso, aos imigrantes era reservado o trabalho leve, sorrateiro, etc., pois sua cultura não permitia o ofício do trabalho braçal. Sendo assim, é compreensível que uma mulher italiana “Cartomante”, não seja uma pessoa de confiança, primeiro por se tratar de uma pessoa que buscava no Brasil condições favoráveis ao enriquecimento sem esforço; segundo por não carregar consigo o patriotismo; e terceiro por ser uma mulher, portanto, sendo ela uma mulher (não era digna de confiança), pois trata-se de uma época em que somente os homens podem e devem ascender profissionalmente.

Dessa forma, e dissertando sobre o papel da mulher oitocentista, segundo Lucas (2009, p. 107), “A mulher, na sociedade patriarcal do Segundo Império, detém horizontes limitados. [...]”. Uma vez que, “A sua figura moral é projetada na moldura do quadro social, diante do qual o ‘adultério’ pressupõe a infidelidade conjugal feminina, e somente a feminina”. (LUCAS, 2009, p. 112).

Como se viu, a fragilidade de Camilo, advém, segundo o próprio Machado, da falta de uma figura masculina (pai). Porém, segundo o que se infere de sua obra, somente o gênero feminino é que conduz o homem ao fracasso ou a própria morte.

3 RITA, A SERPENTE DO JARDIM DO ÉDEN

A única maneira de liquidar o dragão é cortar-lhe a cabeça, aparar-lhe as unhas não serve de nada, [...] melhor é reconhecer que nos encontramos atados de pés e mãos [...]. [...] Assim é a vida, meu caro titular do ministério dos vasos comunicantes, do interior, senhor primeiro ministro, do interior, esse é o depósito central. (SARAMAGO, 2005, p. 56-7).

O excerto, ou melhor, o ensaio do escritor português José Saramago, logo deixa evidenciar o propósito final do enredo Machadiano.

Através da reflexão Saramaguiana o leitor percebe que haverá um final trágico na obra de Joaquim Maria Machado de Assis. Inclusive, o pensamento de José Saramago serve de apoio para esta produção escrita, pois o dragão descrito por ele, logo pode ser comparado metaforicamente a Camilo e Rita na obra Machadiana. Ou seja, o esposo traído (Vilela) tem como missão liquidar os adúlteros.

Na verdade, o escritor carioca, além de colocar a culpa na cartomante, logo deixa respingar metaforicamente que Rita foi a culpada pela quebra de fidelidade. Ou seja, tropologicamente, Rita foi comparada por Joaquim Maria Machado de Assis, como uma serpente, em outras palavras, Rita pode ser equiparada a Eva do Jardim do Éden³. Machado de Assis tratou Rita como uma “serpente”, pois analisando o livro do Gênesis, logo se percebe que a mulher é que leva o esposo a cometer o desacerto.

Nesse contexto, pode-se explicar que o escritor carioca faz uma comparação de personalidades, ou seja, Rita foi comparada a Eva (personagem descrita pelo livro do Gênesis). Porém, a intencionalidade do escritor carioca foi libertar Camilo e Vilela do julgamento comunitário; algo comum na sociedade oitocentista.

De semelhante modo, para “Georg Lukács toda obra de arte autêntica obedece e amplia, ao mesmo tempo, as leis de seu próprio gênero. E a ampliação ocorre sempre no sentido de satisfazer às exigências do momento”. (LUCAS, 2009, p. 147).

A posição de Machado de Assis é prevista, pois para a sociedade oitocentista somente a mulher era a culpada pela desonestidade matrimonial.

Numa perspectiva mais ampla, para Lucas (2009, p. 37), “[...]. Não resta dúvida que o leitor colabora para completar as sugestões do texto, ‘nunca inventa’, como afirma Augusto Meyer”. Em outros termos, o literato de “A Cartomante” se isenta e exime Camilo da culpa pelo desfecho alcançado. Inclusive, sua narrativa breve deixa o leitor na condição de outorgar o veredicto.

Tudo isto, quase que necessariamente, culmina numa questão ainda mais profunda, a insânia Machadiana tão presente em seus manuscritos, com exceção de Memorial de Aires. Na realidade, o escritor de “A cartomante” deixa escapar em seus trabalhos que sofre de um excesso doentio de ciúmes pela sua bela esposa (Carolina).

Ainda, no conto Machadiano, Rita é desenhada como uma “serpente”, no entanto, não se pode ignorar a culpa de Camilo, pois de acordo com Silva (2008, p. 27), “Camilo está sempre à procura do colo materno. [...]”.

³ Gênesis 3

O que está em jogo é o caráter incerto de Rita, mas também os devaneios de Joaquim Maria machado de Assis. Ademais, é perceptível, o esforço do escritor para responsabilizar as mulheres pela morte ou loucura dos homens.

APONTAMENTOS FINAIS E PROVISÓRIOS

Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero uma verdade inventada.

O que te direi? Te direi os instantes. Exorbito-me e só então é que existo e de um modo febril. **Que febre:** conseguirei um dia parar de viver? Ai de mim que tanto morro. Sigo o tortuoso caminho das raízes rebentando a terra, tenho por dom a paixão, na queimada de tronco seco contorço-me às labaredas. À duração de minha existência dou uma significação oculta que me ultrapassa. (LISPECTOR, 1998, p. 11, grifo da autora).

Dar-se-á início a estes apontamentos finais e provisórios através da voz da escritora e jornalista ucraniana, naturalizada brasileira, Clarice Lispector, a partir do fragmento retirado do manuscrito **Água Viva**. Sem enredo convencional, logo se percebe através da fala da escritora que Rita e Camilo em o conto “A Cartomante” do escritor Joaquim Maria Machado de Assis, foram além do convencional estabelecido pela sociedade oitocentista.

O brado de Clarice Lispector, também deixa ressoar, que o casal não queria uma verdade inventada, ou seja, Rita e Camilo, optaram pela desgraça de um relacionamento querencoso. Porém, dito de outra forma, Machado de Assis, não se tornou um escritor assassino, pois toda a culpa pelo desfecho trágico de sua obra foi associada a figura da mulher infiel (Rita), ou ainda, a cartomante (Mulher Italiana). Vale ressaltar que Machado de Assis, inclusive deixa claro que a cartomante é a culpada pelo exício de Rita e Camilo.

Foi possível entender também que Joaquim Maria Machado de Assis, apresentou pistas suficientes para que se possa acusar Rita e a Cartomante (Mulher Italiana) pelo desfecho trágico alcançado.

Considerando-se também à obra Machadiana, pode-se deduzir que o escritor carioca sempre engendrou uma maneira de associar a mulher de sua época à figura do mau.

Em se tratando de Joaquim Maria Machado de Assis, pode-se destacar que:

[...] não se tem confinado ao interesse ou mesmo ao ufanismo brasileiro o movimento de perquirição admirativa da obra de Machado de Assis. Ultimamente, de modo mais sistemático, estudiosos de outros países têm também procurado desvendar os mistérios do fenômeno literário que nos é familiar. (LUCAS, 2009, p. 14).

O que se observa é que a produção Machadiana atingiu outros povos. Outro aspecto observado é que a produção do escritor carioca se faz presente em escritórios de advogados,

consultórios psicológicos, psiquiátricos, etc., pois sua produção é rica em quebra de fidelidade e incredulidade.

Enfim, são muitas as possibilidades que o conto oferece ao leitor como objeto de conclusão, no entanto, como me direcionei ao asiatismo da paixão incontrolada de Rita, pode-se considerar que as mulheres são responsáveis pela desonra masculina em “A Cartomante”.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. **Carta aos Efésios 5:22**. Tradução de Almeida Corrigida Fiel. São Paulo: Vida, 1992. 1 CD-ROM. Novo Testamento.

_____. **Gênesis 3**. Tradução de Almeida Corrigida Fiel. São Paulo: Vida, 1992. 1 CD-ROM. Antigo Testamento.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **A Cartomante**. [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Obras Completas, v. II).

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. [romance]. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUCAS, Fábio. **O núcleo e a periferia de Machado de Assis**. Barueri, SP: Manole, 2009.

SARAMAGO, José. **As Intermittências da morte**. [romance]. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (Literatura Portuguesa, 1922).

SILVA, Luciana Leme Souza e. **A Cartomante, de Machado de Assis: transcodificações midiáticas**. 2009. 149 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Marília, São Paulo, 2009. Disponível em:<
<http://www.unimar.br/pos/trabalhos/arquivos/D50897C0426F8A4F1917E278B45C5443.pdf>
>. Acesso em: 8 jan. 2018.

SILVA, Teresinha Vânia Zimbrão da. “A Cartomante” de Machado de Assis: uma leitura interdisciplinar. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p. 23-32, jan/jun. 2008. Disponível em:< <https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/441/333>>. Acesso em 14 nov. 2017.